A LEITURA E A ESCRITA NO AUTISTA

CRISTIANE APARECIDA TEOBALDO

RESUMO

O processo de aprendizagem da criança autista no ensino está garantido e assegurado a partir do se acesso na escola regular. A presente pesquisas tem como objetivo compreender como se dá a aprendizagem, a leitura e a escrita do autista na escola. A legislação garante o direito da criança à educação e sua permanência está assegurada, assim como sua inclusão não só pela efetivação da matrícula, mas por meio da sua permanência na rede de ensino de autistas no contexto escolar. É uma tarefa desafiadora para a escola que precisa se estruturar e se adaptar aos alunos autistas, assim como para os profissionais da educação uma vez que muitas arestas precisam serem aparadas e o currículo precisa ser adaptado de forma concreta por meio de um ensino diferenciado, direcionado e especializado para alunos autistas de forma concreta, por meio de imagens, por meio de experiências que estão para além da palavra e muitas vezes pelo não uso do verbal. Uma aprendizagem comprometida sugere que a Escola seja inclusiva e que esteja atenta para os possíveis problemas que porventura possam surgir no processo de ensino e aprendizagem dos alunos autistas que mais do que o acesso querem ser e estar incluídos com as condições necessárias para que o seu aprendizado se dê de forma emancipadora, eficaz e de forma significativa em sua vida.

Palavras-Chave: Aprendizagem; Autismo; Escola; Inclusão.

ABSTRACT

The learning process of the autistic child in education is guaranteed and assured from access to regular school. This research aims to understand how autistic people learn, read and write at school. The legislation guarantees the child's right to education and their permanence is ensured, as well as their inclusion not only through enrolment, but through their permanence in the autistic teaching network in the school context. It is a challenging task for the school, which needs to structure itself and adapt to autistic students, as well as for education professionals, since many edges need to be trimmed and the curriculum needs to be concretely adapted through differentiated, targeted teaching. and specialized for autistic students in a concrete way, through images, through experiences that are beyond the word and many times through the nonuse of the verbal. A committed learning suggests that the school is inclusive and that it is aware of the possible problems that may arise in the teaching and learning process of autistic students who, more than access, want to be and be included with the necessary conditions for your learning takes place in an emancipating, effective and meaningful way in your life.

KEYWORDS: Learning; Autism; School; Inclusion.

INTRODUÇÃO

O autismo é um tema amplo, extenso que desafia professores, comunidade escolar, sociedade em geral para que esses alunos possam ser atendidos em sua singularidade no processo de ensino-aprendizagem na Escola Regular. Como se conduz o processo de aprendizagem dos autistas?

A aprendizagem do autista é de extrema importância em tempos de inclusão, em tempos que a legislação eleva a inclusão como algo fundamental e, especialmente porque temos em nossas salas de aula muitas crianças com autismo convivendo com os demais alunos no tempo integral e nas instituições de ensino da Educação Infantil.

A partir do diagnóstico da presença da criança autista, a escola precisa tomar decisões e trilhar caminhos para que essa criança possa ter o seu aprendizado assegurado não só por lei, mas pelo acesso que se dá no sistema educacional com as demais crianças.

Em 1.943, Leo Kanner, psiquiatra infantil nos EUA, usou o termo “autismo” pela primeira vez em que é definido como Síndrome, por apresentar sintomas e características comportamentais em seres humanos afetados e, também é conhecido como Transtorno do Espectro Autista – TEA.

Os desafios do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da criança autista estão postos e o estudo se faz necessário para que o professor, a Escola, os pais possam proporcionar um aprendizado de forma interacional com adaptações próprias para que as crianças possam desenvolver na Escola de Ensino Regular com os demais alunos e a inclusão possa ser feita de forma interacional mediada pela concretude das ações de todos no contexto escolar.

A presente pesquisa é de cunho bibliográfico em que os autores dão as condições para o pesquisador possa de forma criteriosa analisar os trabalhos já publicados embasar e aprofundar o seu conhecimento científico sobre a temática proposta, fazendo com que novas interpretações sejam possíveis frente a temática proposta que visa compreender o processo de aprendizagem da leitura e da

escrita das crianças autistas no contexto escolar de forma concreta e significativa.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 CONCEITUAÇÃO E INCLUSÃO DO AUTISMO

É de fundamental importância que a Escola capacite sua equipe, ou seja, proporcione formação para todo o Corpo Docente e a Equipe Administrativa, Técnica, Especializada da Escola. O professor precisa saber o que é o autismo e seus desdobramentos no processo de ensino-aprendizagem em sua regência em sala de aula.

O autismo tem que ter um olhar pedagógico e sabermos como lidar na escola e como abordá-lo, os sintomas variam muito de indivíduo para indivíduo. Em alguns quadros, há o acometimento de convulsões, já que o transtorno pode vir associado a diversos problemas neurológicos e neuroquímicos (CUNHA, 2016, p. 23).

O autismo é um transtorno de desenvolvimento que leva a três grandes prejuízos: dificuldade de interação social, déficit de comunicação social e comportamentos repetitivos e restritos. Temos ainda associado a isso problemas de relacionamento, dificuldades com reciprocidade, dificuldade com empatia e atenção social, preferência por objetos, distúrbios de sensibilidade tudo isso compõe o que chamamos de Transtorno do Espectro Autista – TEA.

É de fundamental importância que o professore conheça de forma profunda o que é o transtorno e quais são as suas intensidades que podem ser leve, moderada ou severa, portanto, de acordo com sua intensidade a conduta escolar deverá ser totalmente diferente, assim como o currículo, o preparo e a diretriz que a área pedagógica terá que proporcionar ao autista.

Ao aluno autista cabe a escola incluí-lo e, ao professor fazer a identificação precoce da intensidade da comunicação, da interação social desta criança no ambiente escolar.

O diagnóstico precoce é o primeiro grande instrumento da educação. O que torna o papel docente fundamental, pois é na idade escolar, quando se intensifica a interação social das crianças, que é possível perceber com maior clareza singularidades comportamentais. Será sempre pertinente o professor ou a professora observar atentamente seu aluno, quando este apresentar algumas das seguintes características comportamentais: retrai-se e isolar-se das outras pessoas; não manter o contato visual; desligar-se do ambiente externo; resistir ao contato físico; inadequação a metodologias de ensino; não demonstrar medo diante de perigos; não responder quando for chamado; birras; não aceitar mudança de rotina; usar as pessoas para pegar objetos; hiperatividade física; agitação desordenada; calma excessiva; apego e manuseio não apropriado de objetos; movimentos circulares no corpo; sensibilidade a barulhos; estereotipias; ecolalias; ter dificuldades para simbolizar ou para compreender a linguagem simbólica; e ser excessivamente literal, com dificuldades para compreender sentimentos e aspectos subjetivos de uma conversa (CUNHA, 2016, p. 24-25).

Essa caracterização dos aspectos deve ser apontada e avaliada pelo professor para que entenda que tipo de síndrome a criança está sofrendo. Diante dessa nova realidade cabe ao docente fazer uso de metodologias pedagógicas apropriadas para trabalhar as dificuldades encontradas que podem ser várias.

Por outro lado, o autismo leva a significativos déficits de linguagem, ou seja, linguagem social, linguagem contextual e pode levar também, a uma desestruturação de linguagem, portanto, essa criança vai apresentar dificuldades para aprender a ler, escrever e calcular. Essas dificuldades acometem não a todos os autistas, sabemos que existem crianças autistas que calculam mais e melhore que crianças neurotípicas, que conseguem ler melhor que crianças neurotípicas, mas isso é um número pequeno, isto é, a minoria, a maioria das crianças autistas apresentam dificuldades significativas nos processos de aprendizagem da leitura e da escrita.

Poderíamos pensar, mas por que isso ocorre? As crianças com autismo têm déficits em habilidades cognitivas, habilidades linguísticas e muitas dessas crianças, apresentam também, comorbidades que a levam a ter uma deficiência intelectual. A deficiência intelectual junto com o autismo acaba aumentando mais as restrições dessa criança com o processo de aprendizagem escolar.

É de extrema importância que essas crianças sejam avaliadas do ponto de vista da linguagem e do ponto de vista neuropsicológico para se ter a noção precisa de quais habilidades estão deficitárias para que a Escola possa ter um ponto de apoio para planejar a metodologia que será utilizada, o currículo que será aplicado, o estilo de linguagem se dará a abordagem dos conteúdos e as prioridades que se dará a aprendizagem.

O principal desafio da Escola Inclusiva é desenvolver uma Pedagogia centrada na criança, capaz de educar a todas, sem discriminação, respeitando suas diferenças; uma escola que de conta da diversidade das crianças e ofereça respostas, adequadas as suas características e necessidades, solicitando apoio de instituições e especialistas quando isso se fizer necessário. (BRASIL, 1998, p.36).

Há que se ter presente que muitas vezes recebemos na escola regular crianças com autismo que não falam, portanto, não

se pode esperar que essa criança possa vir a ler e a escrever se a mesma não consegue falar, portanto, é de fundamental importância a prioridade de intervenção no desenvolvimento dessa criança.

2.2 LEITURA E ESCRITA DO AUTISTA

A Escola deve estar preparada para esse tipo de quadro e de situação que precisará trabalhar na criança que está com seu desenvolvimento atrasado, ajudar essa criança a compartilhar experiências sociais, ajudar a criança a ter reciprocidade com o outro, ajudar essa criança a iniciar, dar continuidade e terminar atividades que exigem regras, rotinas e, também, atividades estruturadas, crianças autistas tem apresentam dificuldades em fazer isso e é importante que a Escola esteja junto com a Equipe Multidisciplinar que acompanha o processo de desenvolvimento da criança autista preparada para auxiliar e para dar o melhor de si.

Dependendo do grau de autismo se for moderado ou se for severo essa criança irá precisar de um profissional de apoio especializado, ou seja, um professor que dê atenção específica, aprofundada, específica e individual para essa criança. A Escola deve saber que uma criança autista que todo esforço curricular deve estar voltado para as características individuais da criança autista.

Mais do que incluir a Escola precisa apresentar um Currículo adaptado para a criança autista e que deverá ser adaptado para o seu grau de comprometimento com o autismo para que de fato a criança esteja e se sinta incluída no processo de ensino aprendizagem escolar.

Incluir a criança com autismo vai além de colocá-la em uma escola regular; é preciso proporcionar a essa criança aprendizagens significativas, investindo em suas potencialidades, construindo, assim, o sujeito como um ser que aprende, pensa, sente, participa de um grupo social e se desenvolve com ele e a partir dele. Com toda sua singularidade (CHIOTE, 2015, p. 21).

As crianças autistas não costumam se encaixar em modelos pré-fabricados de pedagogia ou de filosofias pedagógicas específicas, a coordenação pedagógica juntamente com o(s) professor(es) terão que montar um currículo adaptado de forma que a criança autista possa ter as condições necessárias para que seu aprendizado possa acontecer de forma equânime.

Conseguir atingir a meta da equidade educativa para todas as crianças, incluindo as que têm necessidades especiais, exige a mudança de um sistema fixo para um sistema flexível, capaz de garantir a equidade na "oportunidade de aprender" para todos os alunos [...]. Os alunos com necessidades especiais, tal como os outros alunos, necessitam simplesmente de um ensino "bom" ou claramente eficaz, de modo a que se consiga que atinjam maior sucesso (WANG, 1997, pp. 54-55).

É importante ter presente que a criança aprende pelo visual, aprendem melhor pelo concreto e aprendem por meio de uma metodologia de aprendizagem sem erro, esses três princípios são melhores e facilitam o aprendizado das crianças autistas na escola proporcionando uma performance melhor no processo de ensino-aprendizagem no sentido de compreensão a partir do currículo adaptado e direcionado para suas singularidades.

É bom que o professor se utilize daquilo que o autista mais gosta dos seus assuntos, dos seus objetos, dos seus interesses que mais lhe fascinam e, a partir desses interesses é possível entrar com a prática pedagógica que será necessária para o seu desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem, isso serve para aqueles profissionais que na maioria das vezes não tem formação específica para trabalhar com alunos autistas no interior do país ou em grandes metrópoles.

O professor tem que estar preparado para usar novas práticas pedagógicas e estratégias, mostrando para ele maneiras necessárias de resolver problemas, sem que o mesmo tenha reações intempestivas ao conduzir o trabalho.

Nenhuma criança é uma esponja passiva que absorve o que lhe é apresentado. Ao contrário, modelam ativamente seu próprio ambiente e se tornam agentes de seu processo de crescimento e das forças ambientais que elas mesmas ajudam a forma. Em síntese, o ambiente e a educação fluem do mundo externo para a criança e da própria criança para o seu mundo (ANTUNES, 1998, p. 17).

O trabalho do professor, da equipe gestora, da coordenação pedagógica, dos alunos que tem autistas em sua classe e da família, sempre será de muitas lutas, opiniões diversas, mas sempre haverá progresso de todas as formas e maneiras consideradas importantes quando se percebe a evolução intelectual do aluno.

O principal desafio da Escola Inclusiva é desenvolver uma Pedagogia centrada na criança, capaz de educar a todas, sem discriminação, respeitando suas diferenças; uma escola que de conta da diversidade das crianças e ofereça respostas, adequadas as suas características e necessidades, solicitando apoio de instituições e especialistas quando isso se fizer necessário (BRASIL, 1998, p.36).

É preciso levar em consideração que uma grande parte dos alunos autistas apresentam comorbidades como por exemplo, TDAH, Transtorno Opositivo Desafiador,

Transtornos de Aprendizagem, Transtornos Psicóticos, distúrbios do sono, distúrbios alimentares ou distúrbios de sensibilidade é necessária uma atenção especial com intervenção nessas comorbidades, uma vez que atrapalham muito a aprendizagem do autista e a permanência dessa criança em um ambiente dentro de sala de aula no contexto escolar.

A responsabilidade da escola e o compromisso com a inclusão curricular do ambiente cultural é da família e da comunidade, essa união garantirá sempre o verdadeiro papel na função social da escola. É necessário que haja profissionais capacitados atuando no meio educacional que buscam em sua formação um olhar diferenciado, que venham enxergar essas crianças como um sujeito que faz história e que está em constante desenvolvimento independente de suas deficiências.

Uma criança autista aos 8, 9 anos não sabe ler, realiza cálculos de forma esplêndida, mas não sabe escrever, o professor deverá adaptar o currículo para que essa criança autista possa iniciar um processo de aprendizado de ler e escrever. É impossível partir de um currículo de aluno do 3º Ano, do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, ou seja, a criança vai ter que ter contato com um currículo com conteúdos que não domina em que é de primordial importância que a criança aprenda a ler, ela precisa ser colocada em um processo básico de melhoria de suas habilidades visuais e motoras para que possa aprender a escrever. Essa criança vai ter que passar por um processo ainda, que mesmo que ela tenha 8 ou 9 anos ela não está com condições de acompanhar um currículo geral de uma criança de 8 ou 9 anos, portanto, ela necessita de um processo de adaptação.

A socialização e a interação, são a maior dificuldade nela, dentro da sala, a escola precisa, por exemplo, a professora da escola regular dela fazer atividades adaptadas, no entanto, terá que centrar uma forma maior nas atividades de interação na turma e é por meio da interação que ela vai socializando e vai se abrindo para as atividades que são propostas junto com os demais alunos, mas o currículo precisa estar adaptado para suas singularidades e particularidades.

Para Sanini et al. (2013) as áreas de desenvolvimento sofrem maior comprometimento para buscar e manter interação de forma recíproca e espontânea. O isolamento social da criança autista está o envolvimento de não saber ou de ter dificuldades de compreensão do que se quer e do que espera dela que se manifestam pela inabilidade de comportamento não-verbais, pelo desinteresse de participação e reciprocidade social.

Cada autista é diferente um do outro, em comportamento, limitação, ou seja, nenhum aluno é igual. Atividades relacionadas a alfabetização e domínio da leitura se dá por meio de material concreto, esse tipo de material prende a atenção do autista, se utiliza letras de madeiras, alfabeto com associação de ideias, imagens para fazer associações.

As atividades adaptadas proporciona um favorecimento no exercício de memorização, estimula a oralidade, a criança autista vai falando, fazendo suas ações e memorizações e as atividades que são propostas tem uma boa aceitação por conta do material concreto em que a criança autista com a professora vai fazendo o reconhecimento de forma concreta das palavras e as frases vão sendo escritas e a criança vai concretizando o aprendizado da leitura com os recursos de imagens com a memorização e, por conta disso, a criança aprende de forma rápida e eficiente.

Para Sampaio & Oliveira (2017), a leitura vai se dando como forma cede "captar o sentido de cada traço que avida deixa impresso" como "representação do mundo" que são formadas e arquivadas no cérebro e quando necessário passa pela evocação para serem interpretadas e transmitidas nas relações interacionais que se dão na concretude da vida.

Gómez & Terán (2014) recomendam o uso de ilustrações associadas a palavras em que há o predomínio do visual, a utilização de cartões de memórias e palavras que estejam associadas a imagens e/ou fotos, ensinar palavras para que a criança autista veja e relacione as letras de forma concreta se tem resultados eficazes e significativos para sua compreensão com a possibilidade de habilidade para a leitura.

Gomes (2015), afirma sobre a leitura oral o seguinte:

[...] pode ser definida como leitura combinatória, que consiste na habilidade de ler qualquer palavra (não apenas palavras diretamente ensinadas) [...] que enfoquem o ensino de sílabas [...]. A leitura com compreensão [...] pode ser identificada quando o aprendiz relaciona o que lê com aspectos do mundo e de sua experiência prévia com eles. Em situação de ensino, esse aspecto da leitura pode ser verificado quando um aprendiz relaciona corretamente figura às palavras impressas correspondente, assim como o inverso, e a aprendizagem dessa habilidade ocorre de maneira indireta, derivada de relações entre estímulos (por exemplo, palavra ditada-palavra impressa; palavra ditada-figura) ou entre estímulos e respostas (por exemplo, nomeação de palavra impressa; nomeação de figura) previamente aprendidas. Quando esses estímulos (figuras e palavras) se tornam equivalentes, ou seja, quando passam a fazer parte de uma mesma classe, pode-se dizer que o indivíduo compreende aquilo que lê. [...] (GOMES, 2015, pp. 77-78).

Crianças autistas apresentam o pensamento visual muito mais acentuado que o

pensamento em palavras, daí a necessidade da associação de palavras a figuras e letras de forma concreta para que possa desenvolver as competências e habilidades da leitura e da escrita de forma significativa e prazerosa, mas tendo formas concretas de vivenciar o seu aprendizado sendo estimulada a dar respostas por meio de estímulos.

O método estruturação para autistas facilita muito o aporte que a escola pode dar de forma direcionada para a criança autista. Muitas vezes não consegue colocar aquilo que seria o ideal para a aprendizagem dos alunos autistas, mas é de fundamental importância seguir os princípios básicos daquilo que funciona já faz uma diferença enorme no aprendizado dos alunos.

2.3 ESCOLA ESTRUTURADA E ADPTADA PARA AUTISTA

A escola vai precisar estruturar o seu ambiente. Normalmente autista não suporta barulho, apresenta dificuldades alimentares, seletividade, a Escola precisa tomar cuidado com o barulho, nossas escolas normalmente são muito barulhentas e é muito difícil para crianças autistas encararem esse barulho da Escola e isso é extremamente agressivo para os autistas. Não basta dar o acesso é necessárias e urgentes as condições necessárias para uma boa convivência de forma tranquila, serena e segura para os autistas no âmbito escolar.

Autistas necessitam de silêncio. Muitos alunos autistas não gostam da escola por conta do barulho que há na Escola e que os agride e os torna arredios chegando a torná-los agressivos, no entanto, é bom que se tenha presente que o autista tem hipersensibilidade auditiva, não são todos, mas uma grande maioria tem essa sensibilidade e desenvolvem uma intolerância muito grande a estímulos muito constantes ou amplificados e misturados principalmente de vozes humanas ou de barulhos gerados pela aglomeração humana.

A Escola precisa ser readaptada para a presença de alunos autistas, ou seja, deverá reduzir o barulho, modificar sua estrutura, desenvolver determinadas atividades reduzindo estímulos, fazendo determinadas adaptações que possam ter acessibilidade para alunos autistas.

Acessibilidade extrapola a construção de rampas e aberturas de portas para cadeirantes, muitas vezes é preciso reduzir o barulho para que os autistas possam estar na escola de forma confortável e inclusiva, portanto é necessário criar a acessibilidade par os alunos autistas.

A escola precisa promover o aprendizado das crianças autistas de forma alternativa que muitas vezes a palavra fica em segundo plano, a imagem é fundamental, a associação, o concreto para que aprendam a ler e a escrever por meio de figuras, na formação de palavras, frases e assim por diante.

A comunicação por meio não verbal é imprescindível para o aprendizado e desenvolvimento do autista, esses caminhos precisam ser trilhados pela escola que precisa estar atenta para que os autistas possam ter não só o acesso, mas as condições necessárias para o que seu aprendizado aconteça de forma segura, de forma que o desenvolvimento seja possível por meio de práticas, instrumentos e estratégias que contemplem sua condição especial e singular.

Pais, cuidadores e professores nas escolas precisam estar muito atentos para evitar que os autistas tenham surtos a partir da hipersensibilidade que apresentam e da adaptação do ambiente, do espaço ao mesmo tempo em que é necessário tratar a hipersensibilidade do autista.

Existem métodos de integração sensorial, é possível chegar mais cedo nos ambientes em que irá acontecer aglomeração e muito barulho e isso extrapola a escola, isso vale para festas, casamentos, clubes, igrejas, parques, shows, estádios de futebol, ambientes de lazer, recreação, enfim, é muito bom chegar mais cedo e evitando desgastes desnecessários.

Nada se resolver de uma hora para outra, tudo requer um processo adaptativo, requer que a criança se acostume a essa nova realidade, aquele ritmo, aquele contexto, aquele ambiente e a Escola precisa estar muito bem-preparada para isso para que não haja pânico.

Existem muitos professores que não querem ligar com autistas, Escolas que evitam colocar crianças no sem meio, no seu ambiente escolar por medo desse autista dar muito trabalho, apresentar muitos problemas, que essa criança não vai aprender e ainda será agressiva com as demais coisas que não é verdade, portanto, a Escola deve proteger e das condições necessárias para o aprendizado dos autistas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso ter presente que o autista aprende com uma aprendizagem sem erro, ou seja, essa aprendizagem não faz o uso de meios abstratos, metáforas, a linguagem é direta, a linguagem é objetiva, linguagem direta em que o autista entenda, compreenda literalmente o que se quis colocar, dizer.

É na escola que integração e a inclusão do aluno autista se concretiza a partir da Educação Infantil, se ampliando pelo Ensino Fundamental e no Ensino Médio que compõem os segmentos de ensino da Educação Básica em que todos são chamados a contribuir de

forma significativa na instituição educacional com os alunos autistas em seu processo de ensino-aprendizagem.

É um direito de todos o acesso à educação, direito esse assegurado na Constituição Federal visando o exercício da cidadania com "igualdade de condições de acesso e permanência na Escola", dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1988, Art. 208).

O professor terá a missão de nortear, mediar, possibilitar a condução do processo de aprendizagem do aluno autista que o desafia para a delicadeza do gesto, para que se torne um exímio observados, para que seja paciente, sensível, direto, ciente de que não é tarefa fácil e poderá ocorrer restrições por parte do aluno, mas que cabe ao professor romper as barreiras e proporcionar as condições necessárias para o aprendizado do aluno, sobretudo no que diz respeito da leitura e da escrita.

Os instrumentos e recursos necessários para que a prática pedagógica se efetive dependerá das estratégias e da adaptação no currículo e nas atividades direcionadas e específicas de forma que o aluno autista possa por meio concreto aprender fazendo associações, desenvolvendo palavras de forma que possa ser possível a construção do seu saber de forma significativa juntamente com os demais alunos de sua classe e com o auxílio do professor.

O autista está cada vez mais integrado a partir de sua singularidade e especificidade em que a Escola proporciona a oportunidade de aprender, de ser e estar juntamente com os demais alunos usufruindo do acesso se constituindo em pessoa de direito, uma vez que a Constituição Federal garante educação para todos.

Para que o aprendizado aconteça de forma plena é preciso a participação e envolvimento de todos no processo de aprendizagem valorizando as singularidades que são próprias dos autistas, respeitando as diferenças, propondo adaptações curriculares e uma prática pedagógica em que o autista possa se sentir não só incluído e, com as condições e instrumentos necessários possa não só aprender a ler e a escrever mas que possa se tornar o protagonista do seu processo de ensino e aprendizagem para a vivência de acolhimento, compreensão, emancipação e empoderamento de todos, sobretudo do aluno em questão: o autista.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96): promulgada em 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC/SEB, 1996

BRASIL. Lei Nº 12.764/12 Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o parágrafo 3º do Art.98 da Lei Nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília: MEC/SEE, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Inclusão: Revista da Educação Especial, V. 4. Nº 1, janeiro/junho, 2008. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. Inclusão da Criança com Autismo na Educação Infantil: Trabalhando a Mediação Pedagógica. 2 Ed. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2015.

CUNHA, Eugênio. Autismo na Escola: Um Jeito Diferente de Aprender, Um Jeito Diferente de Ensinar Ideias e Práticas Pedagógicas. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

GOMES, Camila Graciella Santos. Ensino de Leitura para Pessoas com Autismo.

Curitiba: Appris, 2015.

GOMEZ, Ana Maria Salgado. & TERÁN, Nora Espinosa. Transtornos de Aprendizagem e Autismo. São Paulo: Grupo Cultural, 2014.

SAMPAIO, Caroline M. & OLIVEIRA, Gislene F. O Desafio da Leitura e da Escrita em Crianças com Perturbação do Espectro do Autismo. Id On Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia, julho de 2017, Vol. 11, Nº 36, pp. 343-362. Disponível em: https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/viewFile/796/1141 Acesso em 18 abr.

2023.

SANINI, Cláudia.; SIFUENTES, Maúcha. & BOSA, Cleonice Alves. Competência Social e Autismo: O Papel do Contexto da Brincadeira com Pares. Psicologia: Teoria e Pesquisa Jan-Mar 2013, Vol. 29 Nº 1, pp. 99-105. Disponível em https://www.scielo.br/pdf/ptp/v29n1/12.pdf Acesso em 18 abr. 2023.

WANG, M. Atendendo Alunos com Necessidades Especiais: Equidade e Acesso.

In: AINSCOW, M.; PORTES, G.; WANG, M. Caminhos para as Escolas Inclusivas. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1997.